

**Universidade Federal de Pelotas**  
**Faculdade de Medicina**  
**Curso de Psicologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**Relação professor-aluno: a influência da afetividade no processo de  
aprendizagem.**

**Karen Pereira da Motta**  
**Pelotas, 2019.**

**Karen Pereira da Motta**

**Relação professor-aluno: a influência da afetividade no processo de aprendizagem.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Laís Vargas Ramm

Pelotas, 2019.

Karen Pereira da Motta

Relação professor-aluno: a influência da afetividade no processo de aprendizagem.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17 de julho de 2019.

Banca examinadora:

.....  
Prof<sup>a</sup>. Laís Vargas Ramm (Orientadora)

Doutoranda em Informática pela Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

.....  
Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Duarte Nogueira

Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

.....  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Solange Streicher Janelli da Silva

Doutora em departamento de Política e Sociedade pela Università degli Studi di Torino PRINCIPALE UNITO, Itália.

Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

**Dedico este trabalho à Deus, meus pais Moisés e  
Ângela, e minhas irmãs Ketlyn e Kamille.**

## **Agradecimentos:**

À Deus por estar ao meu lado, cuidando de tudo e me amando em todo o tempo.

Aos meus pais, Moisés e Ângela, que me ampararam, motivaram e incentivaram  
com todo amor.

Às minhas irmãs, Ketlyn e Kamille, por serem amigas, me apoiarem e alegrarem  
meus dias até aqui.

À professora Silvia Pinheiro, pelas primeiras orientações e explicações cheias de  
afeto.

## **Resumo**

O exposto a seguir trata-se de um trabalho de conclusão do curso de psicologia. Nele define-se o conceito de afetividade, e discute-se a interação professor-aluno e sua relação com o processo de aprendizagem e desenvolvimento escolar. Para isso, utiliza-se como base as teorias de Wallon, e histórico-cultural de Vigotsky, pois estas possuem uma abordagem social que busca ampliar o olhar sobre o sujeito considerando as relações, ambiente e história da criança.

Ressalta-se que esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica, que buscou reunir trabalhos mais recentes, entre 2010 e 2018, que abordam esta temática.

Os resultados obtidos ao final, mostram que a afetividade se encontra na base do psiquismo e proporciona ao indivíduo estabelecer vínculos. Além disso, aponta-se ainda a relevância de um mediador entre o conhecimento e o sujeito. Este, na figura do professor, pode ser agente motivador e inspirador da criança, se usar de afetos positivos em suas ações, falas e gestos. Por fim, destaca-se a grande influência dos afetos na aprendizagem, os quais podem promover o sucesso ou fracasso escolar.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; Wallon; Vigotsky.

## **Abstract**

The following is a work on completion of the psychology course. It defines the concept of affectivity, and discusses a teacher-student and its relationship with the process of learning and school development. For this, we use Wallon's and historical-cultural theories of Vygotsky as a basis, since we have a social approach that seeks the future about the health, environment and history of the child.

This is a bibliographical research, which seeks to bring together the most recent, between 2010 and 2018, that address this theme.

The results end at the end, are always present at the base of the psyche and are to the individual establishes bonds. In addition, the relevance of a mediator between knowledge and the subject is also pointed out. This, in the figure of the teacher, can be a motivating and inspiring agent of the child, if he uses positive affection in his actions, speeches and gestures. Finally, there is a great wave of affection in learning, which may be capable of promoting school success or failure

Key-words: affectivity; learning; Wallon; Vigotsky.

## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2 Referencial Teórico .....</b>	<b>9</b>
<b>3 Método .....</b>	<b>13</b>
<b>4 Resultados.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 Afetividade na psicologia histórico-cultural e Walloniana e sua importância no desenvolvimento psíquico infantil.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 Afetividade no processo ensino-aprendizagem: relação professor-aluno.....</b>	<b>18</b>
<b>5 Conclusão.....</b>	<b>21</b>
<b>6 Referências Bibliográficas.....</b>	<b>22</b>

## 1 Introdução

O presente trabalho tem como propósito discutir e investigar a importância e influência da afetividade na relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, focando na pré-escola e ensino fundamental. A pesquisa pretende reunir publicações mais recentes, entre os anos de 2010 e 2018, que tenham como base as teorias histórico-cultural de Vigotsky e Walloniana. Com isto busca-se aprofundar o conceito de afetividade, analisando sua importância para o desenvolvimento psíquico da criança, e entender a influência do afeto no processo de ensino-aprendizagem.

Afetividade é um conceito bastante abrangente, usado na psicologia quando desejamos nos referir a sentimentos e emoções, e aos significados e conteúdos que nos comovem e provocam. Os sentimentos são entendidos como estados mais longos e estáveis derivados de sensações e percepções que levam a uma representação psíquica significativa, enquanto que as emoções estão mais ligadas ao comportamento, a agitação e movimento que se observa nele (PINTO, 2015).

Ancoramo-nos na psicologia histórico-cultural, principalmente nas ideias de Vigotsky, que foi um grande estudioso da área de aprendizagem. Além da teoria histórico-cultural, também será explorada a teoria construída por Wallon, visto que ambos têm pontos de convergência, pois pensam o indivíduo e seu desenvolvimento dentro da lógica social. A escolha das teorias deve-se ao fato de que estas oferecem possibilidades de um olhar sobre a criança em seus atravessamentos, isto é, considerando seu ambiente, como a família e outros espaços sociais.

Desde os primeiros anos de vida, o indivíduo estabelece vínculos com as pessoas que o rodeiam, e por meio destes obtém aquilo que lhe é necessário, como por exemplo o alimento, o embalar para dormir, o cuidado e afago. Ao longo do tempo este círculo de indivíduos que rodeia o bebê passa também a fornecer a ele informações sobre o mundo e as coisas. Mais tarde, na escola, a criança se vincula ao professor, que abordará diversos conteúdos, de diferentes áreas, tais como matemática, português, história, entre outros (TASSONI, 2000).

Desse modo, o sujeito depende desde o início de um mediador, de alguém que de uma forma adequada lhe transmita o conhecimento. Com isto, percebe-se que o desenvolvimento do funcionamento psicológico é também desencadeado pela mediação, a qual é realizada pela linguagem, ilustrações, gestos, entre outros (VIGOTSKY, 1995).

Partindo deste pressuposto, entende-se que o sujeito se constitui nas relações que estabelece desde muito cedo, e a partir destas aprende e se desenvolve (VYGOTSKY, 2009). Acreditando nisso, pondera-se que existam nestas relações um componente afetivo, que oferece condições para que a criança aprenda e se desenvolva de forma efetiva.

Assim sendo, este trabalho visa explorar as relações estabelecidas em sala de aula, entre professor e aluno, sendo o objeto primeiro de pesquisa a afetividade expressa neste vínculo, e sua influência para o avanço no processo de aprendizagem escolar e no desenvolvimento da criança.

## **2 Referencial Teórico**

Ao longo desta revisão serão abordados os conceitos de afetividade, aprendizagem, mediação e desenvolvimento, tendo como base as ideias de Vigotsky e Wallon.

De acordo com a psicologia histórico-cultural, para conhecermos a criança e pensarmos a influência da afetividade na relação professor-aluno devemos conhecer seu contexto, suas relações, sua família, os valores sociais, a escola, a gênese, o sentido e o significado dos problemas, as características da cultura e da sociedade na qual ela está inserida. Além disso, é preciso entender que tanto as dificuldades de aprendizagem, como o sucesso escolar, são processos que se constroem na rede complexa das relações sociais e no afeto que se dá e se recebe, não sendo estes fatos em si, isolados, mas concretudes históricas, sínteses de múltiplas determinações, passíveis de serem transformadas pela ação humana (VYGOTSKY, 1995; 1996; MEIRA, 2007; PINHEIRO, 2014).

Sendo assim, uma das noções essenciais e indispensáveis para o entendimento desta base teórica é a de que o indivíduo aprende e se desenvolve a partir do plano social, do inter para o intrapessoal. O funcionamento psicológico

ocorre em um dado momento histórico tendo por alicerce as relações sociais mediadas por instrumentos materiais e psicológicos (signos). Entre os signos mais importantes destaca-se a linguagem, a qual é fundamental para transmitir o conhecimento e mediar a aprendizagem do sujeito (VYGOTSKY, 1995; 2009).

Posto isto, enfatiza-se novamente que não há como saber sobre um indivíduo sem que se conheça seu mundo. Portanto, para compreender o que cada um de nós sente e pensa e como agimos, é preciso conhecer o mundo social no qual estamos inseridos e do qual somos construtores; é preciso investigar os valores sociais, as formas de relação, de produção para a sobrevivência e as formas de ser do nosso tempo (VYGOTSKY, 1995; LURIA, 1988; PINHEIRO, 2014).

Assim sendo, para a psicologia histórico-cultural o indivíduo aprende e se desenvolve por meio de relações sociais mediadas. Estas envolvem componentes cognitivos e afetivos, os quais são indissociáveis, ou seja, constituem um ao outro, se complementam. É o afeto, no entanto, que permite ao sujeito qualificar a experiência mediada como prazerosa ou não, sendo este processo determinante para que o indivíduo deseje passar por situações e relações semelhantes novamente (LEITE, 2011).

A obra de Vigotsky, em sua breve explanação sobre os afetos, esclarece que estes são processos intrínsecos ao indivíduo, e que têm origem social, ou seja, se desenvolvem a partir da mediação. Os afetos permitem aos humanos experimentar a alegria, a tristeza e a paixão, sendo os responsáveis pela forma como sentimos, aprendemos, vemos e vivemos a vida (SAWAIA, 2000).

Para Vigotsky, as funções sensoriais e motoras, e a necessidade e o impulso, integram a afetividade, estabelecendo-a como uma estrutura ampla que se apresenta desde os primeiros anos de vida do indivíduo. Desde bebê, todas as impressões do mundo e das pessoas estão atreladas ao afeto, pois é ele que permite qualificá-las, e assim discernir o afável, acolhedor e prazeroso do ameaçador. De igual modo, a afetividade seria a capacidade de experimentar emoções e sentimentos frente a momentos e situações vividas, originando junto às nossas motivações, interesses e consciência, os pensamentos (PINHEIRO, 2014).

Compreende-se que os afetos estão estritamente associados ao desenvolvimento, visto que encontram-se envolvidos com a formação dos

pensamentos e por conseguinte com a área intelectual e cognitiva do sujeito. Vigotsky, no Tomo IV de suas Obras Completas, considera que a afetividade é responsável por desencadear o processo de desenvolvimento psíquico e encerrá-lo, estando presente em cada parte dele, e contribuindo ainda para a formação da personalidade (VIGOTSKI, 2006).

Igualmente, para Wallon a afetividade tem papel essencial na constituição do sujeito, pois ela seria a expressão primeira do psiquismo, a qual daria origem ao desenvolvimento cognitivo. A dimensão afetiva, segundo a teoria Walloniana, permite que a criança estabeleça seus primeiros vínculos e a partir daí possa adquirir conhecimento (BORBA e SPAZZIANI, 2013).

Assim como Vigotsky na teoria histórico-cultural, Wallon considera a afetividade e a cognição como aspectos fundantes da personalidade. Para ele, estes dois são inseparáveis, porém durante o desenvolvimento do indivíduo existem momentos em que a cognição pode se sobrepor a afetividade e vice-versa, mecanismo ao qual dá-se o nome de “alternância funcional” (WALLON, 1978).

Wallon propõe cinco estágios de desenvolvimento. O primeiro chama-se Impulsivo (0 a 3 meses) e Emocional (3 meses a 1 ano), pois predomina a afetividade, a qual permite ao bebê estabelecer seus primeiros vínculos. No segundo, de 12 a 18 meses Wallon define a fase sensório-motora, e a partir dos 3 anos de idade a projetiva. Nesta existe uma sobreposição da inteligência e das relações exteriores e uma projetividade dos pensamentos na ação da criança. No estágio 3, existem quatro elementos que ocorrem quase ao mesmo tempo: personalismo (3 a 6 anos), crise de oposição (3 a 4 anos), idade da graça (4 a 5 anos) e imitação (5 a 6 anos). É neste estágio que a personalidade da criança se forma e portanto ocorrem as oposições aos adultos e as imitações das formas de ser e agir do outro; novamente existe um predomínio afetivo. O estágio 4, ocorre dos 6 aos 11 anos de idade e é chamado também de Categorical. Nele, a inteligência e a exterioridade voltam a ser superiores à afetividade, dado que os pensamentos evoluem de uma dimensão concreta para abstrata, e para o raciocínio simbólico. Aos 11 anos tem início o estágio 5, adolescência, no qual surgem conflitos que envolvem transformações físicas, sexualidade, elaboração de si e relações com o

outro, sendo também um estágio preponderantemente afetivo (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Ressalta-se que o que existe nestas fases é uma sobreposição, uma atividade superior da área afetiva sobre a cognitiva, ou cognitiva em relação a afetiva, ao longo dos estágios. Wallon deixa claro que estas dimensões compõem e apoiam uma a outra, não havendo divisão entre elas.

Outra consideração importante, feita por Henri Wallon, diz respeito à motricidade. Para ele, o ato motor não tem como alvo apenas uma ação, mas é também uma expressão afetiva. Desse modo, se pode perceber o afeto por meio de gestos, movimentos, expressões faciais, entre outros. O ato motor não só manifesta a afetividade do sujeito, mas permite a ele regular e modular as emoções. Quanto mais a criança domina os símbolos e signos culturais, mais ela reflete isso em suas ações, refinando seus movimentos e os voltando para o outro (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010). Porém, é importante dizer que o afeto não se limita ao contato físico, mas evolui junto ao desenvolvimento psíquico, tornando-se mais elaborado, chegando a ser manifesto por meio da reciprocidade e respeito ao próximo (DANTAS, 1993).

Para finalizar, destacam-se alguns pontos em comum entre Vigotsky e Wallon. Como se viu ao longo do texto, os dois acreditam que o desenvolvimento começa a partir da interação com o outro, ou seja, manifestações orgânicas e biológicas vão se tornando mais complexas, permitindo ao sujeito se desenvolver psicologicamente em sua cultura, a partir da qual pode introjetar símbolos e ampliar suas formas de expressão. Desse modo, Vigotsky e Wallon, assumem que a afetividade possui caráter social e defendem a relação entre afetividade e cognição, entendendo que não existe divisão entre estes, pois os dois dependem um do outro e são indispensáveis para o desenvolvimento humano e construção da subjetividade (LEITE 2011).

É importante dizer que a subjetividade, a qual é derivada da relação entre afetividade e cognição, como foi dito anteriormente, se refere a todos os fatores que nos atravessam, como por exemplo, ideias, conhecimentos, atitudes e crenças. Ela também é resultado das interações sociais de cada indivíduo, sendo, portanto, única e singular (FRANCO; DAVIS, 2011; PINHEIRO, 2014).

Assim como os outros processos psíquicos, a subjetividade está ligada às condições históricas e sociais do sujeito, sendo formada a partir das relações que ele estabelece e logo conduzida ao seu interior; sendo, por conseguinte convertida em funções da personalidade (VYGOTSKY, 1995, LEONTIEV, 2004, AITA e FACCI, 2011).

Diante do exposto acredita-se, que a relação entre professores e alunos, assim como dos alunos entre si, também revela um componente afetivo, o qual é essencial para o desenvolvimento das crianças na escola, e para a construção de sua autoestima (FRANCO; DAVIS, 2011). Como vimos, este permite a elas ter prazer ou não em seu processo de aprendizagem em diferentes áreas e assim desejar permanecer e dedicar-se a esta experiência, podendo alcançar o sucesso, ou se desafeioar e abdicar dela, o que poderá resultar futuramente no chamado fracasso escolar.

### **3 Método**

A pesquisa consistirá em uma revisão bibliográfica, pois percebe-se que esta proporciona ao pesquisador proceder com um trabalho de uma cobertura mais ampla sobre o objeto de estudo, já que viabiliza a busca em materiais já elaborados e publicados em diversos lugares e regiões (GIL, 2002). A revisão bibliográfica terá cunho narrativo, não estando sujeita a um caminho rígido, mas um pouco mais aberto, proporcionando uma busca mais livre para refletir sobre o tema. (ROTHER, 2007) .

Analisar-se-ão qualitativamente os resultados, a partir da pesquisa em artigos e outros trabalhos, por duas por categorias: a importância da afetividade para o desenvolvimento psíquico da criança e o afeto no processo de ensino-aprendizagem. Com isto será possível trabalhar com uma série de conteúdos, significados e definições, buscando compreender fenômenos subjetivos, (MINAYO, 2001).

Os artigos e trabalhos mencionados a seguir foram pesquisados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde — Psicologia Brasil (BVSPsi) — e a União Latino americana de Psicologia (ULAPSI), Banco de Dissertações e Teses da CAPES, Scielo e PEPSIC. Para selecioná-los estabeleceu-se um período, de 2010

a 2018, para que fossem usadas publicações mais recentes, com informações novas sobre o tema. As palavras-chave utilizadas tanto separadas como combinadas foram: afetividade, aprendizagem, Vigotsky e Wallon.

Nas bases BVSPsi e ULAPSI não foi encontrado nenhum trabalho referente à temática, já na CAPES, Scielo e PEPSIC foram encontrados um total de 153 resultados, dos quais 15 foram selecionados para compor este trabalho, tendo em vista que muitas referências se repetiam entre plataformas, e outros tinham seu foco muito distante da educação infantil, ou não abordavam as teorias escolhidas.

As informações encontradas permitiram a construção deste trabalho, dividindo seus resultados em dois tópicos finais. Neste primeiro se discorrerá sobre a afetividade e sua importância para o desenvolvimento psíquico infantil e a seguir abordaremos a afetividade na relação ensino-aprendizagem.

## **4 Resultados e Discussão**

### **4.1 Afetividade na psicologia histórico-cultural e Walloniana e sua importância no desenvolvimento psíquico infantil**

Para a psicologia histórico-cultural o processo de constituição da afetividade acontece concomitante aos demais fenômenos psicológicos, sendo as funções psíquicas entendidas como indissociáveis, inseparáveis e interligadas. Nesta perspectiva não existe separação entre o aspecto cognitivo e afetivo, mas percebe-se que um depende do outro, influencia e desenvolve-se junto ao outro. Vigotsky compreende as emoções como funções psicológicas superiores que sofrem influência do meio, e portanto podem se transformar e desenvolver. Os sentimentos também sofrem interferência pela história e cultura em que se está, pois ao longo do tempo os sentidos e significados afetivos vão se modificando (VIER MACHADO, GONÇALVES DIAS FACCI, SHIMA BARROCO, 2011).

Nos primeiros momentos de vida, o bebê relaciona-se intensamente com a mãe que o amamenta, o embala para dormir, o acalma quando chora, tornando-se o centro de sua vida. Desse modo, tudo o que o bebê percebe está ligado ao afeto, pois a base do psiquismo é estruturada a partir de estados nebulosos, de confusão sensorial e emocional, mas igualmente de momentos de tranquilidade, aconchego e

afago, vivenciados a partir da mãe e demais cuidadores. Mediante a essas primeiras experiências e interações ele começa a distinguir se algo é ameaçador ou agradável. Porém, neste momento ainda não lhe é possível compreender claramente a realidade exterior (GOMES, 2013).

Um ser cultural passa a surgir, justamente nesse momento em que a criança passa a ter contato com o mundo social, através dos pais e cuidadores, ou no convívio com outras pessoas. É mediante a este mundo social e cultural que a esfera biológica passa a dar espaço para que o ser humano possa se afetar pelo outro, e assim tornar-se um ser não só biológico, mas histórico e cultural, provido de sentimentos, pensamentos, opiniões e princípios que o fazem sujeito de uma subjetividade única e singular (OLIVEIRA, 2015).

Esta abordagem, principalmente nas ideias de Vigotsky, entende que todo acesso ao conhecimento depende de uma mediação, realizada através do outro, o que torna a aprendizagem e desenvolvimento processos sociais. Isto pode ser observado junto à família e logo em seguida na escola vivenciando novas situações e experiências na companhia dos colegas e professores. Ao ensinar algo novo à criança, como por exemplo um jogo ou brincadeira, o(s) mediador(es) - pais, professores, e outros - irão buscar explicar o funcionamento deste e transmitir as regras de forma alegre, divertida, gentil e amável, o que fará, com que a criança perceba o ato de jogar como algo prazeroso. Assim, nota-se que o ato de mediar não aparenta ser algo apático ou indiferente, mas uma ação envolvida por afeto. Logo, conclui-se que a mediação de determinado objeto poderá gerar uma reação emocional positiva como satisfação e alegria, ou negativa (tristeza, sofrimento, etc), mobilizando o indivíduo a agir e comportar-se de certo modo, podendo mostrar-se motivado e empolgado a repetir a experiência ou a rejeitando (EMILIANO E TOMÁS, 2015).

Afirma-se então, segundo os pressupostos vigotskianos, que a cognição e a afetividade andam juntas, visto que ambas estão envolvidas na produção de pensamentos, aprendizagem e, conseqüentemente, no desenvolvimento humano a partir da interiorização de conteúdos. Dessa forma a afetividade é responsável em grande parte já desde o nascimento da criança, por impulsionar ações, falas e

gestos, e tornar as experiências de relação com o mundo significativas (SANTOS E JUNQUEIRA, 2016).

Wortmeyer (2014), em seu trabalho sobre os afetos inspirado em Vigotski, refere-se a González Rey (2007), também estudioso desse campo, para expor que nos escritos Vigotskianos pode ser identificada a explanação implícita sobre o sentido subjetivo, na qual pode-se entender que existe mais do que uma relação entre o intelectual e o afetivo, mas um vínculo entre o simbólico e o emocional. Ou seja, emoções também nos despertam a possibilidade de interpretação, significação e representação mental do que foi experimentado. Dessa forma, para além da interiorização das coisas, entende-se que o sujeito pode gerar seus próprios conteúdos psicológicos a partir das emoções experimentadas, sendo também responsável pela formação da psique, e não um ser totalmente dependente das introjeções realizadas por meio do contexto social.

Henri Wallon, também estudioso na área de aprendizagem, procura estabelecer relações com a afetividade, tendo seu foco voltado para a pré-escola e séries iniciais. Segundo ele, o ser humano é dotado de estruturas afetivas, cognitivas e motoras que o permitem se relacionar com o mundo exterior. A afetividade é concebida por ele como um conjunto composto por sentimentos, emoções, e paixões, processos que se tornarão mais complexos no decorrer do desenvolvimento humano. Pensando no vínculo mãe e bebê podemos perceber que é a partir das demonstrações de carinho da mãe que a criança vai introjetando maneiras de manifestar suas emoções e sentimentos. Por exemplo, ao beijar a criança, a mãe demonstra seu amor. Ao longo do tempo, o filho passa a imitá-la, pois percebeu que este gesto o permite expressar o que sente, e o reproduz com outros a quem tem apego e afeição. Dessa forma, conforme o sujeito for crescendo, amadurecendo e estabelecendo ligações e conexões, seu ser orgânico passará a ter mais contato com a cognição, ganhando assim, dimensões mais robustas e amplas. Quanto ao desenvolvimento humano, este ocorre de forma a alternar a predominância entre cognição e afetividade em cada uma das cinco etapas estabelecidas pelo autor (FERREIRA E ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Para Wallon, todas as reações e expressões surgem a partir das emoções, pois são elas que permitem ao sujeito comunicar suas primeiras necessidades.

Desse modo percebe-se que as operações cognitivas derivam das emoções, sendo elas as principais responsáveis por permitir a construção do conhecimento e pela elaboração inicial do “eu”. Souza (2011), compara as teorias e afirma que para Wallon as emoções teriam papel central no desenvolvimento psíquico, impulsionando o agir e pensar do sujeito, enquanto para Vigotsky a consciência teria como centro de seu desenvolvimento a formação de pensamentos, tendo estes as emoções em seu controle. Ou seja, na abordagem vigotskiana a afetividade ocuparia uma posição secundária. Assim, os dois teóricos reconhecem a importância da afetividade, mas um deles, Wallon, a tem como fundamental para o desenvolvimento psíquico.

Se olharmos através da psicologia histórico-cultural poderíamos ainda compreender a afetividade como um conhecimento adquirido por meio de experiências vividas com os indivíduos ao seu redor. Em seu círculo de relações, a criança vai aprendendo sobre seus sentimentos e emoções, chegando a nomeá-los e conhecê-los por meio da mediação do outro (SANTOS E RUBIO, 2012).

Assim, de acordo com a perspectiva histórico-cultural de Vigotsky pode-se entender o desenvolvimento psíquico como decorrente da relação entre o externo e o interno, isto é, a partir de relações interpessoais o sujeito vai introjetando elementos de seu mundo, cultura, tempo e história. Novamente enfatiza-se que é por meio da mediação de alguém ou de algum objeto que essa aprendizagem acontecerá. Da mesma forma que existe um movimento do externo para o interno, Vigotsky também considera que há uma mobilidade das emoções, as quais passam de um plano individual, mais biológico, para um plano de função superior simbólico cultural, o que explica ao longo do tempo desenvolvermos nossas habilidades para demonstrar o que sentimos, pensarmos sobre isso e darmos um significado para a experiência (LEITE, 2012).

Diante do exposto, compreende-se que a afetividade é de extrema relevância para o desenvolvimento psíquico da criança, visto que ela se faz base para o estabelecimento de ligações e interpretações cognitivas, comunicação e compreensão de conteúdos, permitindo ainda que as vivências sejam percebidas de um modo único. A afetividade propicia ao sujeito relacionar-se com outras pessoas, expressar seus sentimentos e emoções e compreender se uma situação é

perigosa ou segura, festiva ou lamentável. Ressalta-se novamente, que é a afetividade que permite a criança desejar voltar a viver uma determinada situação, ou re-acessar informações e conteúdos.

#### **4.2 Afetividade no processo ensino-aprendizagem: relação professor-aluno**

Como se pôde ver anteriormente, ambas as teorias discutidas, histórico-cultural e walloniana, acreditam que o indivíduo se constrói a partir da interação orgânica com o meio. Nisso, Vigotsky e Henri Wallon concordam que todos os processos desencadeados durante o desenvolvimento psíquico do sujeito envolvem componentes afetivos e cognitivos, porém, aqui dar-se-á mais ênfase a afetividade e sua ligação com o processo de ensino-aprendizagem na relação professor-aluno, que é o ponto de maior interesse na pesquisa presente.

Entende-se que as pessoas constituem-se intelectualmente e afetivamente, ou seja, tornam-se seres que pensam e sentem ao mesmo tempo. A afetividade, conjunto de emoções, sentimentos e paixões, a qual faz parte da composição da psique, é uma facilitadora no que tange o estabelecimento de relações, podendo ser observada na sala de aula entre professores e alunos, interferindo positivamente ou não no processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 2012).

De acordo com Vigotsky, em sua teoria da aprendizagem para que os sujeitos tenham acesso ao conhecimento, é preciso que haja uma mediação, um mediador. Ele estabelece dois conceitos essenciais: Nível de Desenvolvimento Real e Zona de Desenvolvimento Proximal, que indicam respectivamente o que a criança já sabe fazer sozinha, e aquilo que ainda não consegue realizar sem ajuda. É justamente na ZDP que o professor deve atuar, fornecendo a mediação até que a criança consiga independência em suas ações e possa estar pronta para aprender a resolver coisas mais complexas. A afetividade, para ele, influencia o comportamento das pessoas, o que nos leva a reflexão de que palavras ditas com sentimentos e emoções positivas têm um impacto favorável e motivador sobre os ouvintes, porém se for ao contrário trará uma repercussão negativa aos sujeitos. Assim sendo, se pensarmos a relação professor e aluno, poderemos perceber que todo conteúdo ministrado a partir de afetos positivos trará uma aprendizagem mais efetiva para a criança, fazendo com que esta se sinta mais confiante e motivada, e feche suas

ZDPs, tornando-as NDRs, e possa abrir novas ZDPs para introjetar novos conteúdos (EMILIANO E TOMÁS, 2015).

Entendendo assim, que a afetividade faz parte da estruturação e organização do conhecimento, podemos desenvolver um outro olhar sobre a prática pedagógica, ou seja, sobre o ato de ensinar, pois percebe-se que o processo de aprendizagem não se reduz apenas à dimensão cognitiva. Além disso, a relação professor-aluno também oferece subsídio para que seja desenvolvido um conhecimento acerca da afetividade, pois nessa interação se explora a comunicação, a qual envolve intenções, valores, sentimentos e desejos, indo mais além do que apenas o contato físico (SANTOS E RUBIO, 2012).

É importante ainda pensar que a relação entre professor e aluno se estabelece inicialmente com o objetivo de busca pelo conhecimento de algo e orientação para que se chegue ao conhecimento, respectivamente. Sendo assim, o professor, estando neste lugar de orientação, pode ser concebido também como uma figura mediadora, o que nos permite ver esse vínculo como essencial para que a criança chegue a uma compreensão do objeto. Sabendo que toda relação e mediação é permeada por afetos, é possível dizer que a qualidade da ação mediadora será determinante para que a criança aprenda. Consequentemente, a ligação do aluno com o conteúdo também dependerá das práticas pedagógicas de mediação que serão desenvolvidas. Caso tais ações de ensino permitam ao aluno apropriar-se com sucesso do conteúdo, as possibilidades de se estabelecer um vínculo positivo também serão maiores, podendo aproximar a criança da experiência de aprendizado (LEITE, 2012).

Concebe-se diante disso, a ideia de que o trabalho do professor consiste na construção e elaboração de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem. E é nesse processo de ensino-aprendizagem, que segundo Henri Wallon, professor e aluno se conhecem, se familiarizam e ouvem um ao outro, procuram respeitar-se e compreender-se, o que também faz parte da afetividade (SCHAEFER, 2015). O afeto, quando positivo, dá à criança mais segurança e confiança para continuar a conhecer e aprender mais sobre as coisas. Assim sendo, a aprendizagem sofre grande influência da afetividade se esta for refletida nas práticas e mediações do professor (SOUSA, RAMOS E SOUSA, 2018).

Acredita-se ainda que quando afetos positivos são envolvidos na relação entre professor e aluno, o processo de ensino e aprendizagem pode se tornar mais efetivo e rico, e resultar em um desenvolvimento pessoal para o aluno, motivando-o e impulsionando-o a passar por novas experiências semelhantes. O cenário que envolve a afetividade poderá crescer e oferecer novas possibilidades para aprender, conviver, e mobilizar a criança a querer aprender mais. Quanto ao professor, também se encontra em uma posição de aprendiz, já que ao ensinar acaba por aprender formas de mediar, socializar e ministrar conteúdos (VEZARO E SOUZA, 2011).

Wallon diz que a vida afetiva tem início através de um processo de sensibilização, ou seja, cada criança desde o início de sua vida é sensível à disponibilidade de relação com o outro. Assim sendo, também pode-se notar essa sensibilidade no que se refere à mediação realizada pelo professor, pois de acordo com o tipo de mediação que é realizada o aluno é afetado de determinado modo, negativo ou positivo (TASSONI E LEITE, 2013).

Pensando nisso, Tassoni e Leite (2013) desenvolveram uma pesquisa para investigar algumas formas de manifestação da afetividade, a partir da escuta dos alunos, gravação das aulas e exibição destas filmagens para as crianças, método denominado autoscopia. Com esse trabalho, os autores identificaram fatores nos quais é notória a influência da afetividade. Alguns deles são: o modo dos professores ajudarem as crianças, o modo de falar com eles, as atividades propostas, aprendizagens para além dos conteúdos, as formas de corrigir e avaliar, e os sentimentos e visão da criança sobre o professor. Com esta descobriu-se que, ao ministrar os conteúdos a entonação da voz do professor, a calma, clareza e palavras usadas, junto a utilização de dicas, o acompanhamento do passo a passo das questões com paciência e carinho, e a disponibilidade do professor em atender a criança, contribui para o avanço dela. Entre as atividades pedagógicas que mais atraem a atenção do aluno foram citadas aquelas que envolvem desenhar, escrever, debater assuntos do cotidiano e de mídia, conhecer mapas, etc. Além disso, os alunos reconhecem como relevantes a mediação de conflitos feita pelo professor, o ensino de formas para organizar o material, e a atenção e cuidado com suas necessidades individuais. A maneira como o professor avalia e corrige os trabalhos

também surge na fala das crianças. Por exemplo, quando o professor vai até a classe do aluno para fazer isso, as crianças o percebem como alguém atencioso e acolhedor. Para mais, as crianças revelaram que aprendem e gostam ainda mais das experiências escolares quando percebem os professores como brincalhões, calmos e descontraídos (TASSONI E LEITE, 2013).

Assim sendo, percebe-se o quanto a afetividade está envolvida em sala de aula, e a sua influência sobre a aprendizagem a partir das ações e práticas que se fazem presentes nas relações entre alunos e professores. Pequenas coisas como o tom de voz tem um grande significado, podendo motivar, impulsionar e estimular a criança no percurso do aprender.

## **5 Conclusão:**

Frente aos resultados obtidos, destaca-se a relevância da afetividade, dado que esta se encontra na base dos processos psicológicos, sendo visível já nos primeiros instantes após o nascimento. Ela está diretamente relacionada com a cognição, produção de pensamentos e todas as funções psíquicas superiores, podendo ser observada na vida escolar das crianças

As teorias histórico-cultural e walloniana, nos apontaram ainda ao longo da pesquisa, que a afetividade é um fator extremamente significativo para o desenvolvimento psíquico, pois por meio dela estabelecem-se relações e ligações com o outro que por sua vez poderá mediar o acesso da criança ao conhecimento, fornecendo assim, um suporte para a aprendizagem. Este mediador poderá com suas ações influenciar a criança a desejar repetir tal experiência, se expressar a ela afetos positivos, como respeito, carinho e atenção.

Nesta produção deu-se destaque à relação professor-aluno, a qual, após a família, se faz lugar de novos e importantes aprendizados sobre o mundo e as coisas. É no vínculo com o professor que o aluno vai ter acesso a informações mais direcionadas a conteúdos como história, geografia, português, etc. Assim sendo, as práticas pedagógicas podem ser entendidas como modos de mediação, as quais utilizam-se de desenhos, pinturas, leituras, brincadeiras e tantas outras.

Ao fim confirmou-se, que muitas destas ações pedagógicas, contribuem para a aprendizagem mais efetiva das crianças quando envolvidas por afetos positivos.

Desse modo, a forma como o professor fala, corrige as atividades, se comporta (calmo, descontraído, etc) e elogia os alunos contribui para seu processo de aprendizagem e para o sucesso escolar da criança.

Perante o exposto, novamente ressalta-se a relevância dos bons afetos na vida escolar, pois eles podem motivar a criança e instigá-la a perseverar e prosseguir em aprender e se desenvolver, apesar das dificuldades encontradas no caminho. Coloca-se em evidência ainda, o fato de que a afetividade dá ao aluno a possibilidade de se afeiçoar ao conteúdo ministrado ou não, influenciando posteriormente também sua escolha profissional. Desse modo, é indispensável a psicólogos, professores e educadores a reflexão sobre o assunto, já que este tem grande importância e ligação com o ensino e aprendizagem.

## **6 Referências Bibliográficas:**

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167711682011000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682011000100005) Acesso em: 21/11/2018 às 14:00.

BORBA, Valdinéia RS; SPAZZIANI, Maria de Lourdes. Afetividade no contexto da educação infantil. **GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos**, 2013.

DANTAS, Heloysa. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon**. Temas em Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, 1993.

DE SOUSA, Rayara Nogueira; RAMOS, François Silva; DE SOUSA, Francisca Semirames Nogueira. A AFETIVIDADE E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM NAS CRIANÇAS. **Revista Expressão Católica**, v. 7, n. 2, p. 07-13, 2018.

EMILIANO, Joyce Monteiro; TOMÁS, Débora Nogueira. Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 59-72, 2015.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em revista**, n. 36, p. 21-38, 2010.

FRANCO, Adriana; DAVIS, Claudia. **Autoestima: gênese e constituição de um atributo construído socialmente**. Educação Temática Digital – ETD, Campinas, v.13, n.1, p.99-118, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2070>. Acesso em: 8 out. 2018

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Fundação Joaquim Nabuco, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4686.pdf> Acesso em: 12/11/2018 às 13:09.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. Cortez, 2013.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 1º reimpr. da 2. ed. de 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, 2012.

LEONTIEV, Aléxis Nikolaevich. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

LURIA, Alexander Romanovich. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N.. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. 3 ed. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 21-37.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Psicologia histórico-cultural: fundamentos, pressupostos e articulações com a psicologia da educação. In MEIRA, Marisa E. M., FACCI, Marilda G. D. (Org.) **Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 27-62.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PINHEIRO, Sílvia Nara Siqueira. **O jogo com regras explícitas pode ser um instrumento para o sucesso de estudantes com história de fracasso escolar?** Pelotas, 2014.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. A dimensão afetiva do sujeito psicológico: algumas definições e principais características. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, 2015.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; DA SILVA, Graciela Nunes. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, 2016.

SANTOS, Fabiani; RUBIO, JDAS. Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental-uma contribuição teórica. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012.

SAWAIA, Bader Burihan. A emoção como lócus da produção do conhecimento — Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In III CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 2000, Campinas, **Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural**. Campinas, 2000. Disponível em:

SCHMITZ WORTMEYER, Daniela; NUNES HENRIQUE SILVA, Daniele; UCHOA BRANCO, Angela. Explorando o território dos afetos a partir de Lev Semenovich Vigotski. **Psicologia em estudo**, v. 19, n. 2, 2014.

<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc>. Acesso em: 21/11/2018.

SCHAEFER, Jéssica Simone Galdino. Afetividade entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem. **Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 2, p. 142-151, 2015.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Relations between affectivity and intelligence in psychological development. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 27, n. 2, p. 249-254, June 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 12 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED**, p. 1-17, 2000.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, v. 36, n. 2, 2013.

VEZARO, Marta Rodrigues; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. A afetividade na relação professor-aluno no processo de formação e aprendizagem na educação infantil. **Eventos Pedagógicos**, v. 2, n. 1, p. 230-239, 2011.

VIER MACHADO, Letícia; GONÇALVES DIAS FACCI, Marilda; SHIMA BARROCO, Sonia Mari. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, 2011.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras Escogidas -Tomo IV.** (2a ed.). Madrid: Visor Aprendizaje y Machado Libros, 2006. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/31087380/vygotsky---obras-escogidas-tomo-4>. Acesso: 13/11/2018 às 20h.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança.** Vigotsky, Lev S e A. R. Luria. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas III – Problemas del desarrollo de la psique.** Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. 1896-1934. **A construção do pensamento e da linguagem/ Lev Semenovich Vigotsky**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca pedagógica)

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.